



António Simas Santos

## E se os generais e os bispos fossem mulheres? (I)

Em tempos de grande agitação em torno da questão do género, é uma pergunta que faz todo o sentido. Tempo em que um simples beijo na boca numa jogadora de futebol se tornou um caso internacional, gerando uma controvérsia de enormes proporções.

Mulheres que têm um papel, cada vez mais determinante, na política e em cargos governativos e que são já uma maioria – ou perto disso – em hospitais e tribunais, não estão a ocupar posições para as quais tem plena capacidade, e que representaria um claríssimo avanço civilizacional.

Nos jovens casais a participação dos maridos, a todos os níveis, na vida doméstica é uma realidade que esta a repor a igualdade de género a nível familiar e a dar às mulheres novas oportunidades profissionais e cívicas. A mulher restringida ao lar, começa a ser um achado sociológico.

Contudo essa progressão tem sido, sempre, muito penosa na vida militar e, ainda mais nas igrejas e na carreira eclesiástica.

A presença de mulheres generais desafia, ainda, estereótipos tradicionais que associam liderança, coragem e autoridade apenas aos homens. Admitir que isso não é assim, será admitir que a competência e a habilidade de liderança não são determinadas pelo género, mas sim pelas qualidades individuais e pela capacidade de exercer um papel com eficácia.

A visibilidade de mulheres em posições de generais será uma inspiração para outras mulheres considerarem carreiras militares e cargas de liderança como opções viáveis. O que significará uma forte influência para as gerações mais jovens, que cresceram não vendo mulheres ocupando posições de poder no campo militar.

A quebra desses estereótipos também está associada à redefinição das qualidades associadas à liderança militar que está, normalmente, ligada a traços masculinos, como agressividade, autoridade inflexível e assertividade. Redefinição que incluirá, certamente, características como empatia, comunicação habilidosa, capacidade de colaboração e resolução de conflitos.

Mudança que requer, contudo, um esforço contínuo para educar, conscientizar e promover a inclusão, garantindo que as mulheres em cargos de liderança sejam tratadas com respeito e que suas contribuições sejam valorizadas. Para além de ser uma questão de justiça e equidade trará certamente muitas modificações nos cenários de guerra.

A ascensão das mulheres a posições de generais abrirá portas para uma conversa mais ampla sobre igualdade de género, empoderamento feminino e a importância de desafiar os estereótipos que limitam o potencial humano. Esse progresso não apenas mudará as forças armadas, mas também influenciará a sociedade, como um todo, promovendo a acessibilidade da diversidade de talentos e capacidades, independentemente do género.

Mudanças que poderão ajudar o mundo da guerra a mudar de rumo. Exércitos com igualdade de género serão, sem dúvida, muito diferentes dos actuais. A saída das guerras da mão, quase exclusiva dos homens, trará consigo uma outra sensibilidade que irá promover, de forma diferente, a paz e a concórdia.

Acabará, inevitavelmente, o reino dos senhores da guerra.

O mesmo se aplica à ascensão de mulheres a bispos, mas esse será o tema de uma segunda parte desta crónica.



Russell Sousa\*

## Jovens Navegadores

Numa altura em que muitos jovens iniciam a navegação por mares desconhecidos é crucial a existência de faróis que os levem a bom porto em segurança e com os objetivos na bagagem. Neste caso específico, refiro-me à entrada de centenas de jovens açorianos no ensino superior. Para muitos, até ao momento, a viagem mais importante da sua vida.

No entanto, estes jovens, que vão iniciar a sua travessia num mar desconhecido, irão deparar-se com inúmeros desafios, entre os quais: a distância (para muitos deles) das suas famílias durante meses; a luta para alcançar bons resultados; e o mais difícil, muitos deles estarão a fazer contas à vida.

O custo de vida subiu para todos os portugueses, contudo, quem sente mais este aumento são os estudantes deslocados e as suas respectivas famílias. Vamos a um exemplo simples: Um estudante que tenha sido colocado na cidade de Lisboa, paga em média de renda 337 euros por mês, acresce o custo dos transportes, alimentação, material para os estudos e propinas. Não esquecendo que refiro-me à média de renda, há quem pague perto de 500 euros por mês, fazendo contas por alto, estamos a falar de valores que muitas vezes acabam por se tornar incomportáveis para grande parte das famílias. Muitos acabam por

recorrer a empréstimos bancários para estudar, algo que não deveria ser necessário se existissem ferramentas suficientes para apoiarmos os jovens.

É certo que existe uma bolsa de estudo por parte do Governo Regional, sempre houve e é um instrumento fundamental para muitas famílias. Todavia, esta bolsa não é suficiente para fazer face aos custos inerentes de um estudante deslocado, é urgente criar mais apoios numa altura como esta, principalmente na habitação, sendo esta a maior despesa dos estudantes, a proposta do Partido Socialista, em conjunto com a Juventude Socialista Açores, vem exatamente neste sentido, apoiar os jovens deslocados com as despesas da habitação até ao máximo de 40% dos seus custos.

Cabe ao Governo Regional criar condições para ver estes jovens navegadores alcançarem os seus sonhos, concluírem os seus estudos e depois fixarmos estes jovens de volta na nossa região.

\*Presidente da JS Açores